BOM DIA FURG 24.06.1992

Bom dia, Rio Grande, 24 de junho de 1992. Os destaques do Bom Dia FURG desta quarta-feira, dia de São João e Festa de Nina. FURG formou mais um mestre em Oceanografia.

DEA de Engenharia divulga a atividade. Curso de História coloca a comunidade em laboratórios de pesquisa histórica. Estamos iniciando Bom Dia FURG, edição 324.

A oceanóloga Roberta Aguiar do Santos, aluna do curso de pós-graduação em Oceanografia Biológica na Universidade do Rio Grande, defendeu ontem sua tese de mestrado, às 14 horas, no auditório da Subreitoria de Planejamento e Desenvolvimento. Ela desenvolveu sua pesquisa sobre alimentação, parasitas e relações tróficas do calamar argentino e lex argentinos no sul do Brasil, sob a orientação do professor doutor Manuel Aimovin, do Departamento de Oceanografia da FURG. É, portanto, mais um mestre formado em Oceanografia Biológica pela Universidade do Rio Grande.

O convidado de hoje no Instituto Bom Dia FURG é o professor Francisco das Neves Alves, do Departamento de Bioteconomia e História da FURG. O professor Francisco é coordenador do curso de História e responsável pelas disciplinas de História Contemporânea e História do Brasil. E nós vamos conversar com ele sobre o Centro de Documentação Histórica, Laboratório de História Oral do curso de História, e também o Laboratório de História Democrática, que está sendo criado agora.

Bom dia, professor Francisco. Bom dia. Professor, o Laboratório de História Democrática, como é que ele vai ser e que serviços ele vai prestar? Quais os objetivos dele? Bom, o Laboratório de História Democrática, que está realmente em fase de criação, ele tem como material principal uma coleta de dados que foi feita por mais de dez anos e que se compõe basicamente de registros de casamentos, batizados e óbitos da paróquia do Rio Grande, desde a sua fundação até o ano de 1850.

Basicamente, os objetivos do Laboratório de História Democrática é trabalhar com dados sobre a população do Rio Grande, sobre alguns fenômenos da população, como natalidade, nupcialidade, mortalidade, além de elementos em respeito ao próprio processo migratório dentro da cidade, o próprio crescimento ou decrescimento ou evolução populacional da cidade do Rio Grande, elementos do próprio comportamento social da população riograndina. Elementos como as próprias relações de compadril, os nomes, os pré-nomes da população e a própria característica da ilegitimidade, o vínculo de legitimidade, a própria coincidade de crianças ilegítimas. Até inclusive essa relação de compadril e dos nomes, ela é uma relação bastante interessante, visto que, claro, não foi feito um estudo aprofundado ainda disso que estamos na fase da coleta de dados e esses dados estão à disposição, mas principalmente na população escrava nós percebemos que uma das hipóteses prováveis de ser comprovada é exatamente a própria questão que, em geral, o escravo tinha como seu padrinho o seu próprio senhor, ou os

filhos dos escravos tinham como padrinhos os donos dos seus pais, e muitas vezes o nome também, o nome dos escravos tem muito a ver com o nome do próprio senhor dos pais desses filhos escravos.

Então concluindo essa parte de escravos e população livre é exatamente ressaltar isso, o trabalho é feito exatamente em cima da população livre, que são agrupadas por famílias, e aproximadamente se chegou a um cálculo de seis mil e cem famílias, e os escravos eles são agrupados exatamente pelos seus senhores, eles são colocados de acordo com os seus donos, vamos dizer assim. Ainda pode-se analisar no Laboratório de História Democrática alguns desvios de comportamento da população, aquilo que é chamado de comportamento marginal da população, que são questões como o próprio concubinato, o não casamento, as relações ilegítimas entre um homem e uma mulher. Basicamente esse nosso Laboratório de História Democrática tem uma função que é a de realmente aproveitar todos os elementos para a pesquisa, então pesquisadores em geral e mais especificamente os nossos alunos, principalmente do bacharelado para realizarem seus trabalhos de monografia, até mesmo, porventura, futuramente poderá acontecer de trabalhos em torno de próprias dissertações de mestrado e quizá até dissertações de doutorado.

E uma última atribuição desse Laboratório de História Democrática seria exatamente o estudo das genealogias que aí interessariam como um todo a população Rio Grande do Norte. Ele fazia essa pergunta, através do Laboratório é possível fazer uma verdadeira árvore genealógica da população Rio Grande do Norte. Isso é possível, pessoas que não tenham um conhecimento maior de quem são os seus ascendentes familiares poderiam até mesmo pelo Laboratório conseguir esse tipo de informação.

É importante ressaltar então que esse Laboratório pretende ser aberto à comunidade. Sim, como todos os centros de documentação, ele está à disposição da comunidade. O único problema do Laboratório, o centro de documentação está aberto como um todo, só que o Laboratório, como eu coloquei a princípio, ele está em fase de organização.

Então nós estamos pretendendo colocá-lo à disposição da comunidade aproximadamente ou no final do semestre que nós temos agora, que vai entrar agora, final de 92, ou no início de 93. Tudo vai depender das possibilidades que nós tivermos exatamente dessa organização mais efetiva. O Laboratório está localizado no próprio centro de documentação histórica.

Isso fica no prédio onde funciona o departamento? Não, o centro de documentação histórica não funciona no mesmo prédio do departamento. Funciona, claro, todos no Campos Carreiros, mas ele funciona no pavilhão 3 do Campos Carreiros. Mudou-se há pouco, inclusive, para lá, mudou-se no início deste ano.

E ele funciona no pavilhão 3, muito próximo das salas de aula do pavilhão 3, ali na parte inferior do pavilhão 3. E ele é realmente uma sala de aula, vamos dizer assim, que foi dividida junto com

o Laboratório de Antropologia e funciona muito próximo ao AmpliChacrum do pavilhão 3, uma localização mais fácil. E ampliando mais nossos assuntos para o centro de documentação histórica, propriamente dito, que tipo de outros trabalhos estão oferecidos pelo centro? Bom, o centro de documentação histórica possui todo um manancial, desde jornais até prospectos do próprio teatro, do cinema, das cidades do Rio Grande, principalmente no início do século, até a década de 30, 40. E com esses prospectos a gente pode ter uma ideia muito boa do fluxo cultural, do desenvolvimento, melhor dizendo, cultural que nós tínhamos nas nossas cidades nessa época e o quanto nós decaímos culturalmente a partir daí.

Inclusive, nós vemos que há um grande número de cinemas, há um grande número de teatros e há um trabalho muito interessante que pode ser feito em cima desse material que está, este sim, bastante organizado há algum tempo e à disposição da comunidade. Fora isso, existe todo um manancial de jornais, existe todo um manancial de algumas palestras que nós fizemos durante toda a nossa vida acadêmica na universidade e muitas dessas palestras foram registradas em fita cassete e estão à disposição. Muitas delas estão sendo transcritas, como é um grande manancial, nós estamos ainda em fase de transcrição, uma vez que nós não temos tantos bolsistas assim e é um trabalho bastante meticuloso.

E, além disso, nós temos muitas das nossas palestras, principalmente as referentes à nossa última atividade, que foi o Seminário Internacional América há 500 anos, que estão à disposição em vídeo, foram gravadas em vídeo. Todo esse evento foi gravado e também está à disposição do Centro de Documentação. Ainda temos, junto ao Centro de Documentação, o Laboratório de História Oral, que é um outro setor do Centro de Documentação que visa fundamentalmente registrar as visões históricas de pessoas que tiveram vivência de certos momentos de história.

Então nós temos diversos projetos desenvolvidos lá, desde projetos ligados à Fábrica Reina, projetos ligados à atividade pesqueira no Rio Grande, projetos ligados a movimentos sociais no Rio Grande. São registros orais de pessoas, testemunhas da história, vamos dizer assim? Exatamente. Não nos interessa pessoas que estudaram a história e colocam esse conhecimento para nós.

São exatamente pessoas desde a mais humilde até a mais importante, vamos dizer assim? Inclusive é difícil dizer ordem de importância entre as pessoas, mas nós vamos ver que essas pessoas vão dar a sua contribuição da sua vivência histórica naquele determinado momento. Essas vivências são registradas em fita cassete, posteriormente são transcritas e ficam, com autorização da pessoa, à disposição dos pesquisadores em história. Quantos registros, mais ou menos, possui o Laboratório de História Oral? O Laboratório de História Oral deve estar mais ou menos, porque houve uma fase de parada exatamente devido ao pouco fluxo de bolsistas que nós temos.

Nós então temos que jogar dentro da documentação histórica, ora para o Laboratório de História Oral, ora para o Laboratório de História Demográfica, ora para organização de jornais. Então nós

devemos estar mais ou menos com entre 40 e 50 testemunhos. Testemunhos esses que nós tentamos cada vez mais aproveitar, uma vez que é fundamental a história oral.

Alguns historiadores não aceitam muito devido à tendência que a pessoa poderia ter ao dar o seu testemunho. Mas aí nós questionamos exatamente pelo fator que qualquer obra, seja ela escrita, seja ela pela outra fonte, nós vamos ver que sempre há a tendência do indivíduo ao colocar as suas próprias visões em uma determinada obra, em uma determinada fonte. E é fundamental que nós continuemos utilizando o Laboratório de História Oral e a História Oral como um processo, visto que nós não podemos deixar apagar as cinzas, vamos dizer assim, de alguns fenômenos históricos que aconteceram ultimamente nos anos que nós vivemos, mais ou menos nas décadas de 50, 60, 70.

Nós não podemos deixar apagar essas últimas cinzas, essas últimas fagulhas, visto que esses testemunhos acabariam podendo ser perdidos. Professor, todos esses laboratórios, o próprio centro, trabalham em função de bolsistas. O que seria necessário mais em termos de recursos humanos ou recursos materiais sem necessidade nesse momento de manter esse trabalho? Realmente o nosso trabalho, o básico básico, o nosso trabalho, por exemplo, quando nós montamos os projetos a cada ano para o centro de documentação, o que realmente nós pedimos são os bolsistas e são os monitores, que realmente é o que mais mexe, é o que mais faz com que o processo de centro de documentação evolua cada vez mais e mais.

Essa carência da própria, vamos dizer assim, mão de obra dos bolsistas e dos monitores. E essas bolsas são principalmente de que órgãos? Quais são os órgãos que mais apoiam esse... Dentro do centro de documentação histórica nós temos somente as próprias bolsas da Universidade do Rio Grande. Nós não trabalhamos com outros órgãos.

Papéis? Não, não, não. Nós não desenvolvemos esse tipo de convênio, vamos dizer assim, com esses órgãos. Não seria o ideal, professor, buscar outros órgãos fora da universidade para que pudessem sustentar esse processo? É que nós já temos alguns professores que têm bolsitas e monitores ligados a esses projetos, mas que são os seus próprios projetos de pesquisa, não é? Então, de certa maneira, a história já utiliza isso.

Só que não ao serviço do centro de documentação, vamos dizer assim. Ok, professor. Muito obrigada pela sua participação no Volunteiro da FURG.

Alguma informação mais que você gostaria de repassar à comunidade universitária? Simplesmente essa colocação, que de alguns anos para cá nós viemos tentando, inclusive estamos aqui por causa disso, dar uma política, vamos dizer, de portas abertas do centro de documentação. Então, colocando, ele está sempre à disposição da comunidade para qualquer consulta que quiserem efetivar. O Diretório Acadêmico do curso de Engenharia da FURG divulgou nota relatando as principais atividades do Diretório Acadêmico nesse primeiro semestre de 92, quando também o Diretório impostou nova diretoria.

Em maio, no final de maio, mais especificamente, a diretoria do DA esteve no Congresso da UNE em Niterói, no Rio de Janeiro, com cinco delegados do curso de Engenharia Química, Mecânica, Alimentos e Civil. Nas atividades do Congresso, houve oportunidade de escrever os cursos na secretaria que coordena as atividades de cada curso. Este ano, os encontros nacionais por curso acontecerão discutindo o mercado de trabalho, deficiências dos cursos, inclusive nos currículos, e cercando de informações entre diretórios acadêmicos.

No dia 6 de junho, o professor Carlos Alberto Chiarelli, ex-ministro, proferiu aula a respeito da integração do MERCOSUL, uma promoção do Diretório Acadêmico, onde estiveram presentes alunos e membros da comunidade riograndina, quando também houve oportunidade de efetuar perguntas ao palestrante sobre diversos temas. Nesse primeiro semestre, segundo a diretoria, era o que o DA tinha em planejamento. O DA agradeceu a todos que colaboraram com a gestão e espera que no segundo semestre esteja possível continuar o ciclo de palestras e também outras atividades, quando o Diretório Acadêmico das Engenharias estará mais estruturado.

Com essa informação, Bom Dia FURG está hoje por aqui. Estaremos de volta amanhã. Até lá!